

## A COMPANHIA DE JESUS, DAS ORIGENS AO OCASO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Rita Filomena Andrade Januário Bettini<sup>1</sup>

### RESUMO:

Este texto é o fruto da primeira produção coletiva do Grupo de Pesquisa "História da Educação Brasileira no Período Colonial", cuja opção teórica é um estudo sobre o século XVIII, tomando como atores principais os membros da Companhia de Jesus. Para isso, com a opção teórico-metodológica adotada pretende-se realizar análises da produção historiográfica sobre a História da Educação Brasileira daquela época. Os aspectos mercantis se destacam e se sobrepõem sobre quaisquer outros relativamente à atuação da Companhia, e nos convidam a enveredar por um caminho que analise densamente as relações do grupo humano envolvido. Assim, é necessário fazer uma leitura diferente de algo que parece estar acabado e fixado num momento da história.

**Palavras-Chave:** Companhia de Jesus, História da Educação, Instituições Educativas, Historiografia, Mercantilismo

## THE COMPANY OF JESUS, THE ORIGINS TO THE END: A PROPOSAL OF ANALYSIS HISTORIOGRAPHIC

### ABSTRACTS:

This paper reflects the first joint production undertaken by this research group, which is focused on the history of the education in Brazil during the colonial period. Here, the theoretical option is the study of the XVIII<sup>th</sup> century and the role of the members of the Company of Jesus during this period. With this intend, the theoretical-methodological option adopted aims at develop some analysis on the historiographic production concerning the History of the Brazilian Education of that age. The mercantile aspects are stressed and dominate any other aspects relative to the role of the Company, and invite us to follow a path of dense analysis concerning the relationships developed by the human group involved in this endeavor. Therefore, a different understanding of something seemly established in a selected historical moment is needed.

**Key-words:** Company of Jesus, History of the Education, Educative Institutions, historiography, Mercantilism

### INTRODUÇÃO

O advento da modernidade, para ser entendido em todas as suas nuances, passa, necessariamente, pela compreensão do fim das relações medievais. Assim é que para este período de transição do contexto europeu, alguns autores o denominam de

---

<sup>1</sup> Doutora em História e Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, Brasil. Pós Doutorada pela Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal. Professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP de Presidente Prudente. Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Autónoma de Lisboa/ APROCEFEP. Membro do Grupo de Pesquisa "História, Sociedade e Educação no Brasil", HISTEDBR, da Faculdade de Educação, UNICAMP. Alunas do curso de Licenciatura em Pedagogia e integrantes do Grupo de Pesquisa: Adriene Santana, Claire Cristina Batista da Silva, Carmen Teresinha Berni Nascimento Querido, Denise Cristina Silva, Daniela Cristina Barros de Souza, LÍlian Watanabe, Jonas Batista da Silva Júnior, Natália Teixeira Ananias, Sabrina Ribas

“outono medieval”. Vamos compreender esta denominação: Outono porque as relações econômicas, a estrutura social, as necessidades de conhecimento e observação do mundo, entre outras esferas da realidade social e histórica começam a se distanciar do modo de viver, pensar, aprender, questionar e, principalmente, de valorizar os bens possuídos até então postos e assumidos pelos homens. Assim, o período medieval está em crise e é chegado o momento do seu outono, ou se quisermos utilizar um sinônimo menos poético e mais acadêmico, designaremos ao invés de outono a expressão decadência, que engloba em si valores econômicos e políticos.

Colocado nestes termos, poderemos entender que o velho sistema medieval gerou nas suas entranhas os elementos que de forma indelével e inexorável o destruíram. Assim, é que, as novas relações econômicas e políticas geradas no período medieval, desde logo se constituem como o germe destruidor daquele período histórico no qual foi gestado. A decadência de valores e de relações sociais, políticas e sobretudo econômicas, contrapõe-se um processo histórico que marcha para a constituição de um novo mundo interno e externo aos homens. É uma nova geografia do mundo europeu que se define e que também desde logo traz os elementos de um mundo a ser descoberto, a ser conquistado e que no seu tempo se revelará absolutamente útil e rentável. Em outras palavras, o mundo temido e distante do universo de conhecimentos medievais passa a ser um imperativo necessário ao homem quatrocentista, e serão as múltiplas relações estabelecidas com este desconhecido determinantes ao avanço da Europa renascentista rumo à modernidade, pelas mãos dos homens-sujeitos que rumam a tornarem-se os protagonistas desta nova fase da história. Entendemos que este período, breve em termos da temporalidade da história, denominado Renascimento pelos historiadores do século XVIII, como o retornar dos clássicos gregos, porém agora convertidos em síntese inovadora pelas mentalidades destes homens-sujeitos, que se reapropriam do classicismo grego, que se apossam das matemáticas, geometrias, cartografias, astronomias e outras tantas áreas de conhecimento que haviam sido banidas do espaço geográfico medieval e que se desenvolveram no mundo árabe, retornando ao espaço europeu pelas portas das universidades e sorrateiramente, insidiosamente, vão se constituir como os pilares dos saberes fundamentais para as conquistas e descobertas de novos mundos.

De forma geral, poderemos afirmar que este processo em curso no mundo europeu tem alguns marcos significativos. Poderemos aqui denominar alguns daqueles que, efetivamente, se não marcaram o fim do período medieval, muito contribuíram para agudizar a crise já instalada. Nomeadamente, o cisma que se estabelece no interior da igreja católica, anunciando uma reforma que há de vir. Uma crise demográfica, marcada pela peste negra. Uma crise de estados, onde o poder dos estados nacionais e das comunas tendem a se expandir não apenas dentro dos limites geográficos europeus, mas também rumo ao mundo que se mostra pelas cartas elaboradas pelos cartógrafos quatrocentistas, como horizonte a ser desvendado.

O renascimento é, portanto, apropriação dos conhecimentos clássicos gregos e dos conhecimentos elaborados no mundo árabe, tornando ambos úteis e sobretudo rentáveis. É chegada a hora do conhecimento ser capitalizado, os saberes elaborados em si tornarem-se saberes rentáveis.

As datas mais significativas e às quais associamos o ocaso do período medieval podem assim ser elencadas:

- Grandes surtos de peste negra entre 1346 a 1352.
- O cisma da igreja católica entre 1378 a 1417, período este no qual há dois papados: um em Roma e outro em França.

- A tomada definitiva de Constantinopla pelos turcos em 1453, o que dá início ao fortalecimento do poderio muçulmano naquela região do mundo e que retira das mãos do estado papal e da Europa Medieval a via marítima de comércio com a Ásia, criando a necessidade de buscar alternativas para a “Rota das Sedas e Especiarias” agora comprometida.

Com o avanço das navegações, entre os séculos XV e XVI, a expansão dos limites do planeta está consumada, fechando-se um ciclo de ouro, de poder econômico, de extensão de impérios, de encontros desiguais de culturas e civilizações, de início de uma forma de escravagismo, de colonialismo, de descoberta do outro, do diferente, do desigual. A mentalidade européia move-se agora no sentido de assegurar a posse dos novos territórios, colonizá-los, retirar destes as riquezas naturais e tornar cativos os autóctones. A carne humana se faz ao mercado. E há que se fazer com docilidade, convertidos ao cristianismo à força, abjurando de sua fé, dos seus deuses e da sua cultura. Para tal fim, são enviados aos novos mundos, os catequizadores da fé cristã. A Companhia de Jesus se faz ao mar, como salvadora das almas dos gentios, mas também como Companhia que já por si, é mercantilista. Se estabelecerá em solo americano até o século XVIII e das gentes, daqueles lugares, retirará não só a fé, a cultura, como também a força do trabalho. Ora, ao mesmo tempo em que os jesuítas chegam ao continente americano, insidiosamente, a marcha da Reforma avança na Europa.

## OS JESUÍTAS SOB A ÓTICA DE PAIVA E CALAZANS FALCON

Quando nos referimos à Colonização do Brasil em meados de 1500, encontramos inúmeros protagonistas e fatos que, conjuntamente representam um marco para nossa sociedade, mas para analisarmos este contexto, efetuaremos um recorte preferencial que visa mostrar a passagem da Companhia de Jesus pela Terra de Santa Cruz, incluindo a compreensão cultural deste período.

Um autor que expressa esse recorte de forma precisa é José Maria de Paiva, que mesmo depois da publicação do livro *Colonização e Catequese*, ainda encontra pontos a serem revistos e que mencionaremos a seguir, alguns deles.

Dessa maneira, encontramos a relação colono-colonizador-colonizado, buscando uma dominação pacífica aos nativos que viam esse período como algo novo e não possuíam muitas escolhas. Acontecia assim, uma transmutação cultural, ou seja, a cultura dos índios daria lugar aos novos costumes provenientes dos portugueses, acarretando uma nova vida.

Neste período, um fato curioso é que os Franciscanos antecedem à vinda dos Jesuítas e sua Companhia à Terra de Santa Cruz e, mesmo assim, o objetivo de “catequizar e salvar almas” por meio da aculturação não se perde, pois o que se constata é que além de serem pecadores, não conheciam a fé, a lei e os “costumes corretos”.

Por mais que o objetivo da Companhia de Jesus visasse a catequização, o ensino jesuítico era voltado a humanidades, que possuíam como consequência um trabalho dócil, mantendo o mercantilismo, que é algo presente na definição de Companhia.

A colônia almejava para os nativos uma transformação social, que se estabelecia no trabalho e na crença em Deus, - salvando todos aqueles que estivessem em pecado -, incluindo a subsistência dos portugueses através das corporações de ofício.

Paiva (2005) menciona a Vila de São Paulo como um local presente na colonização dos portugueses, levando em conta que, a chegada deles a esse local que era repleto de riquezas naturais e minerais contribuiriam para os bens da Coroa, além de “recrutarem” índios e mamelucos para um trabalho escravo que acontecia pacificamente, pois, esses povos não ameaçavam os trabalhos de colonização.

Torna-se evidente a presença do “novo” em todas as formas de vida na Terra de Santa Cruz; de um lado, o estabelecimento da ordem jesuítica aos nativos e por outro, o “medo” e a aceitação pacífica de uma nova vida, que era fortalecida no catolicismo pregado. A doutrinação leva os índios a se “aproximarem de Deus”, transformando-os em pessoas aptas para os trabalhos com os portugueses, retirando a visão de “canibais” pertencentes nestes povos.

Todavia, a função dos jesuítas nas terras brasileiras era de catequizar os índios e mostrar a salvação que se encontrava na religião, mas num segundo momento, iniciam também uma administração sobre os nativos - pois, o contato e o convívio eram presentes e conquistados com o tempo - aspecto que não agrada a Corte, implicando no desenvolvimento de uma ação complementar favorável aos Jesuítas e não ao Rei, levantando assim, um motivo para a expulsão da Ordem das Terras Brasileiras.

Efetuando uma análise sobre este momento, podemos destacar dois pontos importantes no período colonial: o primeiro, diz respeito a uma predominância dos interesses mercantilistas, além da catequização, doutrinação, pregação, que não podem ser pensados separadamente; e o segundo, conseqüentemente, nos mostra a transformação que ocorre intensamente na Colônia.

Nas cartas enviadas a Portugal, relatando as ações de colonização e exploração no Brasil, compatriotas expressam que, sendo realizadas novas viagens ao Brasil, não será necessária a presença de letrados, por estarem desembarcando em um local com nativos incapazes de um raciocínio lógico e por conseqüência, levando a um preconceito.

Apesar da colonização efetuada no Brasil levar em conta aspectos como o trabalho e a religião, a cultura portuguesa e a influência européia estiveram presentes, representando uma realidade diferente do que se poderia encontrar na

Terra de Santa Cruz, lembrando que os colonizados deveriam aderir a uma verdade absoluta, que coloca em tese, um mundo dotado de razão e não só de aspectos naturais, como os nativos acreditavam.

Vemos, diante desses pontos discutidos por Paiva (2005), uma reforma jesuítica em todos os locais colonizados, pois, por vários momentos, os princípios de catequização e salvação de almas, coincidem com a mudança de costumes e a apropriação de uma nova postura, tanto para os indígenas, que tinham medo e aceitavam tudo de forma pacífica, como para os jesuítas, que assumem o mercantilismo como um ponto essencial para a sua sobrevivência.

O texto de Calazans Falcon enfoca, na história luso-brasileira, a época pombalina. Tal época, dentre outros aspectos, pode ser representada como mercantilista e ilustrada, pois, fundamentado em idéias iluministas que fervilhavam pela Europa do século XVIII, o Marquês de Pombal adere aos ideais racionalistas, realizando no Brasil várias reformas, destacando-se as educacionais e econômicas. Busca fortalecer a igualdade civil e

uniformizar a administração pública. Introduz a separação dos poderes judicial e executivo, sem contudo, abdicar dos interesses do Estado português.

Através de ações político-administrativas, Pombal fortalece o monopólio comercial e consegue o equilíbrio da balança portuguesa. Reconstrói Lisboa, destruída pelo terremoto de 1755, transformando a capital em uma cidade moderna. Em 1759, expulsa os jesuítas de Portugal e de suas colônias, por entender que eles se opõem às suas reformas educacionais.

A partir desse contexto – de expulsão da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal, com o argumento de que o fechamento dos Colégios jesuítas traria benefícios a Portugal, pois, a educação tornar-se-ia laica, com um currículo padronizado e viria para o controle do Estado - é possível traçar um paralelo com o texto de Paiva. Neste, há uma nova perspectiva sobre a Companhia de Jesus como sendo um Movimento Religioso predominantemente mercantilista, desde a gênese. Tal afirmação induz à reflexão quanto ao real motivo que levou Pombal a expulsar os jesuítas.

A Companhia de Jesus tornava-se um braço da Igreja cada vez mais poderoso, e, se seus Colégios já não alcançavam no século XVIII o brilhantismo

educacional de outrora, devido, entre outros aspectos, às novas exigências sociais, tecnológicas e científicas, no Brasil ela fortalecia-se. Os jesuítas administravam vasta extensão territorial, especialmente no Maranhão e Grão-Pará, locais onde o nheengatu era dialeto especialmente valorizado pelos missionários no processo de catequização e dominação dos indígenas, além de haverem consolidado um considerável poder econômico, o que lhes permitia não depender da Coroa portuguesa para manutenção de seus Colégios ou para a realização de atividades junto aos índios.

O Marquês de Pombal realmente iniciou o processo de desenvolvimento do Estado português pela reforma educativa no Brasil, entretanto, a oposição da Companhia de Jesus a esta reforma não pode ser considerada a causa principal de sua expulsão, visto que, apesar da *Ratio Studiorum* ter-se tornado um método de ensino obsoleto, baseado na filosofia aristotélica, contraditória aos ideais Iluministas e ainda, por não corresponder às exigências do novo período, ela não foi o cerne do embate. A crise da Companhia de Jesus não se dá pela educação em si mesma, mas fez parte do movimento desde a sua origem, estando presente na própria denominação.

## O MOVIMENTO JESUÍTICO SOB A ÓTICA DE WRIGHT E MAXWELL

Em 1534, houve a criação da companhia de Jesus por estudantes universitários, entre eles Inácio de Loyola e Francisco Xavier, sendo o último até então conhecido por seu passado de devoção à pregação e modificação moral. Em 1622, foi santificado e seu corpo, após sua morte, tornou-se uma disputa entre povos, um objeto de relíquia com poderes milagrosos. Inácio de Loyola não teve um prestígio diferente; sua vida de pregação e ensinamentos religiosos o tornou, juntamente com Francisco Xavier, venerado pela Ordem.

No contexto conturbado de sua criação, a Companhia de Jesus, mesmo não tendo sido criada para essa finalidade, exerceu o papel de combater a reforma protestante dirigida por Lutero e Calvino.

O protestantismo, segundo James Brooks, que pregava em 1553, era a “fossa imunda” de onde tinham emergido “todas as tragédias que se haviam propagado por quase toda a Cristandade, e da qual se varreram recentemente tantas heresias fétidas, infectas e contagiosas”(…) “Os jesuítas, como os retóricos tantas vezes afirmavam, eram os médicos espirituais, administrando antídotos, o contraveneno, a pugar, o agente cauterizante, desenganando e desencorajando protestantes e curados católicos instáveis”. (Os jesuítas. p. 37)

Os jesuítas, segundo John Lockman (1717), citado por Jonathan Wrieth em seu livro “Os jesuítas: missões, mitos e história”, eram tidos à sua época como homens que após a aquisição de certos conhecimentos deixavam amigos e familiares para se aventurarem por terras e mares desconhecidos, correndo todos os riscos para prestar assistência e salvar as almas de povos bárbaros e de línguas desconhecidas. Em contrapartida, outros os consideravam seres que, ao adquirirem determinada formação, passavam a impor-se a outros homens sob a capa da religião e a serviço de políticos detestáveis, empreendendo longas viagens para insinuarem-se junto a nativos, roubando-lhes suas riquezas e escravizando-os em suas próprias terras.

Os europeus atravessavam mares em busca de comércio e grandes descobertas, mas eram criticados pelo mau uso da religião para auxiliar em seu intento; com a desculpa de espalhar as palavras de Cristo, utilizavam-se de brutalidade e apoderavam-se de terras. O aspecto religioso é um item complexo no contexto do Império, das descobertas e colonizações.

A Companhia de Jesus refletia sobre a sua missão evangelizadora, investia na persuasão aterradora fazendo uso do medo como precursor da fé. Condenava o que não tolerava em relação à moral, como também usava de sutileza, cautela, humildade e paciência quando necessário.

Cruzes eram erguidas em todos os lugares onde aportavam exploradores franceses, portugueses e espanhóis, o que dava margem a dúvidas interpretações, pois simbolizavam a fé cristã e se prestavam também a causas externas à religião, como auxiliares das navegações e expansões. Sem dúvida travestir construtores de Impérios em sujeitos cujo ardor religioso motiva grandes aventuras enobrecia a empresa.

No âmbito do Brasil Colonial, a Companhia trouxe uma estrutura social, econômica e educacional até então inexistente.

A catequização indígena tinha por finalidade torná-los cristãos, retirando os costumes pecadores e inculcando a cultura portuguesa; converter o mundo da natureza em mundo da razão.

Havia um elo incontestável entre missão e império; os jesuítas necessitavam do transporte que portugueses e espanhóis podiam lhes proporcionar para viajarem ao Novo Mundo, além da ajuda financeira e proteção. Os poderes imperiais mantinham acordos eclesiásticos com Roma, que caracterizava a missão jesuíta como salvadora de almas influenciadas por fins e feitos seculares. Sendo assim, é presumível que os jesuítas se deixassem enredar nos assuntos e reputação do Império.

O sistema econômico vigente nesse período, o mercantilismo, tornou alguns jesuítas mercadores em busca da salvação de almas - “vendas de pedaços do céu” - que acumulavam riqueza para a Ordem. Eram frutos do processo mercantilista que chegou ao Brasil, onde explorou mão de obra indígena e escrava para sua afirmação e crescimento.

A percepção dos jesuítas como constituintes de uma força alternativa de poder contribuiu para ataques à Companhia de Jesus no século XVIII. Sua ação derrubava

ídolos, espezinhava costumes e crenças locais. Habitualmente esses jesuítas criticavam os excessos coloniais e sua moralidade. Eram típicos europeus, confiantes no seu estatuto cultural e sabiam tirar proveito de sua associação com o Império.

Dentre as diversas críticas de que foram alvo esses missionários pode-se destacar o concernente à acomodação missionária, que se baseava na suposta tendência dos jesuítas em tolerar crenças existentes, procurar um aspecto espiritual comum, como aconteceu com o Confucionismo, ou ainda de permitir que seus convertidos mantivessem alguns aspectos da fé e da filosofia de outrora.

Outra crítica era em relação à língua; os jesuítas acreditavam e levavam a sério o compromisso da Igreja de assegurar aos cristãos o conhecimento da palavra de Deus em seus próprios idiomas. Os jesuítas contribuíram, graças a este compromisso, para a análise e codificação das línguas do mundo todo, pelo esforço acadêmico despendido para lidar com os diversos sistemas lingüísticos.

Outra questão presente no texto de Jonathan Wrigth (2004) sobre os jesuítas é quanto à moralidade desses missionários. Os inimigos da Companhia de Jesus fartavam-se diante de qualquer história que surgisse sobre o envolvimento de jesuítas em escândalos sexuais. Os excessos aconteciam nos confessionários e nos colégios. Os jesuítas foram muitas vezes acusados de crueldades com a juventude católica atendida em suas instituições. E não se pode negar que tenham faltado escrúpulos a alguns deles, porém fazer generalizações é iníquo.

A Companhia era considerada por seus inimigos como corrupta e perigosa; acusada de pedofilia, não poderia passar impune e encoberta pela imagem útil e boa das instituições caritativas e educativas jesuíticas.

Os jesuítas foram ainda acusados de utilizarem-se de seus conhecimentos de química e farmácia para curar e também para matar por envenenamento, surgindo muitas histórias para reforçar o mitos. Estes, segundo Wrigth (2004), dependiam do propagador ser um protestante ou um católico desgostoso. Assim, os jesuítas foram muitas vezes vítimas dos mitos que eles próprios construíam sobre seus opositores.

A obediência jesuíta à Roma era uma simulação. Alguns sugeriram que o superior da Companhia escarneceu do Papa e que os jesuítas não toleravam a submissão. Para outros, eram tidos como escravos do Papa, dos caprichos e das aspirações de Roma.

Condenar todo trabalho jesuítico por alguns casos de corrupção é algo que não se deve fazer. O comportamento desses missionários pode não ter sido santo, porém não foram os únicos religiosos a agirem assim; franciscanos, dominicanos, padres luteranos e teólogos calvinistas também procuraram obter prestígio e manipular jogos políticos. Críticos mais astutos, no entanto, intencionavam desacreditar qualquer jesuíta que insinuasse que não se poderia enegrecer a imagem de toda Companhia por conta do comportamento de alguns membros.

Com a crise que se instalou na colônia e na metrópole, Pombal expulsa de todos os domínios lusitanos os jesuítas, e cria a reforma ilustrada com a finalidade incerta de centralização da política, da administração e fortalecimento do poder real. Estabelece assim monopólios econômicos entre colônia e metrópole, fiscaliza a saída e entrada de matérias a fim de controlar o fluxo econômico.

Dentro da colônia o trabalho servil era feito, exclusivamente, pelos escravos e trabalhadores livres. As corporações de ofícios ensinavam o trabalho artesanal,

manufatureiro e industrial, não para todos dos trabalhadores, pois escravos, em muitas corporações, eram proibidos de freqüentar.

O objetivo geral das corporações era o de controle do mercado de trabalho, não aceitando a entrada de mulatos e negros. O trabalho servil era carregado de teor discriminatório imposto pela sociedade

Em 1824, as corporações de ofícios, por força da carta Outorgada de D. Pedro I, tiveram fim. Com a chegada da família real e a mudança do eixo econômico, a instalação de fábricas é permitida e há a criação de colégios de fábricas, voltados à educação dos artistas e aprendizes.

Com a independência do Brasil, não houve mudanças significativas no modelo econômico: agricultura de exportação e mão de obra escrava. O ensino superior começa a ter um fim profissionalizante.

Wright questiona-se sobre o motivo de ter-se desenvolvido uma tão grande campanha antijesuítica. Curioso é perceber, segundo o autor, que os muitos mitos antijesuítas servem como indicadores das áreas em que a Companhia de Jesus obteve maior êxito.

O certo, porém, é que a noção corrupta e corruptora dos jesuítas implantou-se no ideário popular e nunca mais se alterou. Legítimo é que os críticos não teriam se empenhado tanto se os jesuítas não se houvessem constituído uma ameaça e se não tivessem, de fato, a sua importância.

O objetivo jesuítico de cristianizar integralmente impérios e nações nunca foi atingido. As populações locais não recebiam passivamente as mensagens desses missionários, pois identificavam-se com suas crenças e deuses e não desejavam uma nova fé. Essa era uma questão não compreendida para os jesuítas, que desconsideravam a possibilidade de alguém se negar a rever suas convicções e aderir à verdadeira fé, abandonando superstições e idolatrias.

Não se pode negar que, apesar de não ter sido atingido o objetivo maior - a cristianização de todos os continentes, a contribuição histórica das missões jesuíticas é muito importante pelo conhecimento que a Europa adquiriu do mundo e o mundo, da Europa.

*“Sobre muitos e vastos mundos de águas; um só mundo não bastava”* (Wright, 2004)

A Companhia de Jesus estava prestes a completar cem anos de existência, e este momento não poderia deixar de ser comemorado em grande estilo. Todos estavam satisfeitos por organizarem um espetáculo para seu visitante.

A viagem de Mandelslo para Goa o impressionou sobremaneira, em especial o colégio dos Jesuítas, que poderia ser considerado uma verdadeira casa de nobreza.

Para Jonathan Wright, os jesuítas goeses encontravam-se no meio de um grande empreendimento missionário, que havia se espalhado pelas Américas em menos de cem anos. Dentre outros, este empreendimento merece destaque em um século bastante positivo em termos de expansão, fortalecimento e conquistas, mas também de conturbações. Para a Companhia de Jesus, um só mundo não bastava.

Nas décadas que se seguiram a 1540, era tido como inconcebível que um jesuíta não tivesse plena consciência da essência de sua existência. Loiola e seu secretário Juan Polanco eram compelidos a promover orientações e instruções aos jesuítas, incitando-os a um rigoroso exame de consciência e meditação. Segundo Jonathan Wright, tais regras de conduta eram explicitadas, pois muitos entravam para Companhia para escapar da

pobreza ou para concluir que a mesma não estava sendo coerente com seus preceitos de vida.

A conduta dos indivíduos passíveis de tornarem-se jesuítas já havia sido delineada em documentos que diziam respeito à fundação da Companhia de

Jesus. Não seriam aceitos aqueles que tivessem pensamentos errôneos e posicionamentos não definidos em se tratando de questões religiosas. Nota-se que a Ordem Religiosa não estava tão preocupada com o próximo quanto queria mostrar. Ocupava-se em defender somente os seus interesses.

Os jesuítas não entendiam como pode um ser ter um pé na luz e outro na sombra; deixavam de ver o que existia dentro deles mesmos para ver nos outros, já que, como seres que caminhavam sobre a luz de Deus, e não debaixo da sombra do pecado, não cometiam erros.

O candidato a se tornar um jesuíta não poderia sofrer de qualquer disfunção corporal; sua saúde teria que ser perfeita. As pessoas que eram corcundas ou sofriam outras deformações naturais ou acidentais, como as resultantes de ferimentos, já partiam em desvantagem. Tais deformações representavam empecilhos para a edificação do próximo.

O principal critério para a admissão de um jesuíta era que tivesse recebido a graça de Deus nosso Senhor e infundido os dons naturais, sem o que não seria útil à Companhia.

O olhar de Jonathan Wriqth sobre os jesuítas nos revela o desejo insaciável dos historiadores de definir a mentalidade jesuíta. Muitos a caracterizam pela unicidade da espiritualidade, do ensinar e do pregar, usando a persuasão para inculcar valores cristãos.

No decorrer de todo o primeiro século de existência da Companhia, ouvia-se comentários de mal estar espiritual, e que era preciso reconstruir o mundo religioso do interior de cada jesuíta, buscando o equilíbrio inaciano entre a ação e a contemplação, o que os tornaria uma das organizações mais influentes da Europa e também a primeira Ordem religiosa da Igreja Católica a adotar a educação formal como uma missão importante.

Diante de tudo isso, havia quem gostasse e quem amaldiçoasse a educação jesuítica. Em alguns lugares levou-se tempo para as elites locais serem persuadidas do valor da instrução jesuítica cristã.

Tais críticas à Companhia não são meramente em vão. Os historiadores, cumprindo a parte que lhes cabem, discordam sobre aquilo que as missões visavam alcançar. Teriam mesmo o desejo de eliminar as recordações pagãs ou dar nova vida a populações desmoralizadas, mas reconhecidamente cristãs? Aspectos como esses e desentendimentos entre jesuítas espanhóis, franceses, portugueses, italianos e/ou jesuítas nascidos nas colônias contra os jesuítas da Europa enfraqueciam a política interna da Ordem. Esses acontecimentos eram chamados de agourentos, já que mutilariam a Companhia ao longo de toda sua história. História essa reduzida ao autoritarismo da hierarquia da Ordem e aos pensamentos individualistas das partes.

A metade portuguesa do mundo estava dividida em potências ibéricas, e era a Ásia quem proporcionava aos jesuítas os seus campos de missão mais célebres.

Jonathan Wriqth ressalta que, nos primeiros dias da Companhia, falava-se muito mais na purificação de suas almas e afastamento do demônio no mundo contemporâneo do que se arriscar em viagens perigosas a terras infieis, mas a ambição missionária tornou-se um ponto interessante e manifesto no decorrer do primeiro século da

Companhia, tanto entre os noviços como entre os bem sucedidos em suas carreiras de jesuítas.

Existe a idéia de que a missão era contida por um desejo de construir uma Cristandade pura e totalmente imaculada na sua fé.

O empreendimento missionário e as incursões dos jesuítas transmitiam um ar de hostilidade, já que, acima de tudo, eram os representantes da fé e da moral. Estavam sempre dispostos a substituir, seja os budistas no Japão ou os astrônomos muçulmanos na China. Chegavam ansiosos por estabelecer a conversão em Cristo.

Em certo aspecto, Jonathan Wrigth indaga por que razão alguém que vivesse na China do século XVI, um lugar onde o castigo por crucificação era destinado a bandidos, queria venerar uma pessoa que, 1.500 anos antes e a meio mundo de distância, fora pendurado na cruz como um criminoso vulgar? O imperador mongol Jahangir não entedia porque razões adoravam tanto a Cristo e o retratavam numa posição tão desonrosa. Os japoneses usavam rosário de madeira flutuante ao peito e penduravam um crucifixo no ombro apenas para retratarem sua familiaridade com as últimas modas.

Definitivamente os habitantes da China, do Japão e da Nova França se debatiam para entender os missionários jesuítas, assim como os jesuítas também não os entendiam.

Os jesuítas do Quebeque tentavam vencer a estranheza contida nas culturas remotas e na conversão dos indígenas. Questionavam-se de maneira grosseira se os japoneses e os índios tupis do Brasil poderiam ser do mesmo calibre do ser humano. Aliás, caracterizavam os índios como seres diabólicos, não entendiam seu corpo e sua alma, e muito menos respeitavam a sua cultura. Como poderiam os jesuítas roubar a identidade do indígena, sem saber se queriam ser convertidos ou mesmo se poderiam convertê-los?

A Companhia fora retratada como oportunista, aproveitando sempre de aspectos que melhor se adaptavam às suas invasões evangélicas, a fim de estender-se pela melhor parte do planeta com suas boas intenções, como o sol que iluminava todo o mundo.

### **A Supressão dos Jesuítas em Portugal**

Assim como em toda a Europa, o século XVIII foi um período de grande crescimento demográfico em Portugal. Tal prosperidade metropolitana é diretamente relacionada a seu comércio luso-brasileiro que fornecia matérias-primas suficientes para a manutenção e o crescimento da nação. Ao discursar sobre os jesuítas, é imprescindível a figura de Sebastião Jose Carvalho e Melo - mais conhecido como Marquês de Pombal – e sua importância na supressão da ordem jesuítica.

Quando Pombal assumiu o cargo de ministro de assuntos exteriores e de guerra, em julho de 1750, ele herdava o tratado de Madri, que já delimitava as fronteiras portuguesas em relação às fronteiras espanholas no continente americano. Tal acordo agradava ambas as partes, porque as fronteiras fluviais ocidentais do Brasil seriam reconhecidas pela Espanha e como troca deste reconhecimento à colônia de sacramento, tão desejada pela Espanha, seria entregue a tutela do estado espanhol.

Mas qual a relação entre a ascensão de Pombal e a supressão do domínio jesuíta nos territórios de Portugal? Tentaremos responder esta questão a partir dos planos econômicos do estado português na época de Pombal.

Segundo Maxwell(1997,p.53), verifica-se que “o poder e a riqueza de todos os países consiste principalmente no número e na multiplicação das pessoas que os

habitam...esse número e multiplicação de pessoas é mais indispensável agora [referindo-se ao Brasil pós tratado de Madri] ... nas fronteiras do Brasil para suas defesas...onde todas as diferenças entre índios e portugueses” deveriam ser abolidas. Isto consistiria, na prática, na supressão do domínio religioso jesuítico sobre os índios. Para Pombal as suas práticas resultariam em uma europeização dos indígenas por intermédio da miscigenação.

Não conseguindo idealizar esse projeto – principalmente por ocasião das guerras guaranis desencadeadas pelo tratado de Madri – Pombal culpabilizou os jesuítas por tal fracasso, que segundo Maxwell(1997,p.55) “...a tentativa de implementação do tratado de Madri forneceu muita lenha para o fogo da propaganda de Pombal e serviriam para fortalecer sua convicção de que a presença dos jesuítas em terras portuguesas era um obstáculo à realização dos desígnios imperiais mais amplos”. Com isso, Pombal “tinha o que necessitava” para iniciar a supressão da ordem nos territórios portugueses.

Mas quais eram tais desígnios imperiais mais amplos?

A partir da política protecionista de Pombal, que encorajava o comércio e os comerciantes legais portugueses, combatia contrabandistas, dificultando as transações econômicas que valorizassem mercados estrangeiros. Conseguiu fazer a máquina mercantilista trabalhar a todo vapor. Com a cobiça portuguesa voltada para os jesuítas e suas posses, iniciou-se um projeto de destituição do poder temporal destes últimos. Um exemplo desta destituição foi o estabelecimento em 1755 da companhia do Grão - Pará e Maranhão e uma legislação *a posteriori* que visava a retirada da tutela religiosa dos jesuítas sobre os índios. Com este “golpe” Pombal instituiu o estabelecimento dos diretórios, os quais tinham como representante um funcionário do estado e não mais um membro da igreja, onde a principal meta era restituir o direito e as comissões que haviam sido extraviadas a favor dos estrangeiros. Em Portugal, também foram criadas companhias – com o intuito de fortalecer a economia portuguesa – como a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, em 1756.

A política de Pombal visava a estabilização dos preços e das condições de mercado através do mecanismo de proteção aos produtores e comerciantes portugueses – protecionismo – o que daria condições de desenvolvimento da economia portuguesa resultando em uma maior poder de barganha do país em relação ao comércio do Atlântico.

Por que a ordem jesuítica?

Não foram apenas os jesuítas que sofreram perdas com a política de Pombal, mas comerciantes espoliados também tiveram suas perdas. A perseguição aos jesuítas não se restringiu apenas à área econômica; perpassou a outras esferas da sociedade.

Na área econômica, pode-se relatar sobre a isenção de impostos que as missões possuíam, o que desagradava a administração colonial e geral e justificava tal perseguição. Este aspecto deixava a ordem jesuítica vulnerável ao ataque destas novas políticas.

Na esfera educativa, o debate filosófico sobre a educação também deixou a Ordem vulnerável. Não eram apenas as políticas de Pombal que prejudicavam a manutenção e a continuação da ordem. Maxwell(1997,p.72) relata que “ as rivalidades e invejas no interior da Igreja permitiram que as ações contra eles[jesuítas] fossem dissociadas de qualquer impressão de que a própria Igreja estivesse sendo atacada”. Sem este apoio aparente da esfera eclesiástica, a supressão da Ordem seria apenas uma questão de Tempo. As rivalidades entre o estado Pombalino e a Ordem foram ainda mais agravados, como já dito, após as missões guaranis se rebelarem, o que segundo o mesmo autor, “ aos olhos de Pombal, mostrava sinais de conluio dos jesuítas com os ingleses”, “onde para os

próprios ingleses os jesuítas...tinham negócios comerciais vultosos e lucrativos”(1997,p.73).

Portugal foi o primeiro país a iniciar o movimento de expulsão e conseqüente supressão da Ordem jesuítica em toda a Europa católica. Esta supressão foi deflagrada por vários aspectos:

- Plano de Pombal para regeneração da economia portuguesa;
- Conflito geopolítico de fronteiras e segurança do império português, agravado pelas guerras guaranis;
- A tentativa de regicídio;
- A não atenção da Igreja nas relações da Ordem com a política de Pombal;

Foi principalmente o conflito entre Pombal e os Jesuítas que culminou na supressão destes últimos. Pombal fez frente às investidas de seus opositores e, acima de tudo, não aceitava dissidências. A expulsão dos jesuítas se deu por um fato não menos importante: o despotismo na corte e no estado português, que facilitou em grande parte a política protecionista de Pombal.

### **JESUÍTAS: AMOR E ÓDIO**

O presente trabalho conta a saga dos jesuítas, uma Ordem religiosa de cunho fundamental na História e na gestão católica, pois em sua trajetória contribuíram significativamente para a atual configuração do catolicismo.

Foram amados e idolatrados e ao mesmo odiados e detestados no decorrer de cinco séculos; membros da Companhia de Jesus foram acusados de conspirar contra os tronos e altares; os jesuítas viajaram propagando a fé e espalhando-se por todo o mundo como missionários; devastaram florestas, exploraram rios, infiltraram-se em cortes como cartógrafos, pintores e astrônomos, além de reivindicarem nomes de cientistas seus para crateras na Lua; incluíram múltiplas vezes seus nomes em listas de santos e mártires, mas convém lembrar que realizaram grandes feitos.

Apesar das conquistas e momentos de glória, passaram por momentos de horror com perseguições, expulsões, mortes e vários membros exilados.

Ainda no século XIX, eram mal vistos nos países da Europa e Estados Unidos, pois acreditava-se que seus passos eram retrógrados, da luz para as trevas, e isso contribuiu para que a Europa católica estremecesse. Também contribuiu nesse excesso anticlerical, o fato da França estar vivendo uma revolução.

A Igreja Católica do século XIX, escandalizada e assombrada com os acontecimentos das últimas décadas, sente-se insegura em responder ao legado político e filosófico da era revolucionária, pois haveriam de assimilar conceitos modernos como o liberalismo, capitalismo, racionalismo, imprensa livre, democracia, pluralismo e tolerância religiosa. A Igreja deveria, agora, repensar as tendências culturais e filosóficas, visto que estaria separada do Estado. Tal cenário a fez sentir compelida a responder, a reagir ao que considerava intragável no mundo pós-revolucionário.

Assim, os jesuítas marcaram presença em relações de amor e ódio que lhes renderam um papel importante na história.

**BIBLIOGRAFIA:**

PAIVA, J.M. *Após 25 anos*, in COLÓQUIOS DO HISTEDBR; Brasil Colônia: estado da arte em História da Educação, F. E - UNICAMP, 2005

CASTANHO, S. *Educação e trabalho no Brasil Colônia*, in COLÓQUIOS DO HISTEDBR; Brasil Colônia: estado da arte em História da Educação, FE/UNICAMP, 2005

FALCON, F.C. *Pombal e o Brasil*. In: TENGARRINHA, J. (Org.). *História de Portugal* São Paulo: UNESP, 2001.

MAXWELL, Kenneth, *O Marques de Pombal: Paradoxo do Iluminismo*, São Paulo: Paz e Terra, 1997.

WRIGHT, J. *Os Jesuítas: Missões, Mitos e Histórias*. Tradução de Manuel Marques. Lisboa: Quetzal. 2005. 365p. Título original: The Jesuits, Missions, Myths and Histories.